

CAMPOS DOS GOYTACAZES: DE UMA CIDADE MONONUCLEADA À MULTI(POLI)CENTRALIDADE

HENRIQUE FERREIRA BATISTA

Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro | Brasil
henriquefbatista@yahoo.com.br

LEANDRO BRUNO SANTOS

Universidade Federal Fluminense | Brasil
leandrobruno@id.uff.br

RESUMO

A emergência de novos centros e a transformação na centralidade intra-urbana é resultado, entre outros motivos, de novas lógicas locais das empresas de comércio e serviços, que determinam, em grande parte, a localização desses novos centros, ao mesmo tempo em que estes determinam as localizações de “novos” empreendimentos. Desde meados dos anos 1990, mas com intensificação a partir deste século, a multiplicação de áreas de concentração de comércios e serviços na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ tem sido impulsionada por agentes hegemônicos do setor comercial e de serviços, com o progressivo aumento daqueles que atuam em escalas cada vez mais ampliadas, em conjunto com agentes imobiliários e com o poder público, responsáveis pela alteração do padrão de uso e ocupação do solo no interior da cidade. Esses agentes têm forjado novas áreas de concentração e, principalmente, alterado os fluxos tanto na escala da cidade, quanto na escala da rede urbana, ou seja, há mudanças nos papéis desempenhados pelas diferentes áreas no interior da cidade, inclusive do Centro, e também em relação ao papel da cidade na escala da rede urbana. Desta forma, o principal objetivo deste artigo é compreender o processo de reestruturação urbana e da cidade, pelo qual Campos dos Goytacazes vem passando, por meio da análise dos centros e de suas respectivas centralidades, tendo como objeto de investigação os agentes econômicos dos setores comerciais e de serviços – com seus respectivos graus de informatização e atuação – que, a partir de novas lógicas empresariais e espaciais, relacionadas com as atuais imposições e demandas do modo de produção hegemônico, têm transformado a centralidade intra e interurbana da cidade, ou seja, os processos em curso tendem a produzir uma cidade onde sua dinâmica e estrutura está cada vez mais relacionada com a multi(poli)centralidade.

Palavras-Chave: Reestruturação urbana e da cidade; Centro e Centralidade; Comércio e serviços; Campos dos Goytacazes.

CAMPOS DE GOYTACAZES: DE UNA CIUDAD MONONUCLADA A UNA CENTRALIDAD MULTI (POL)CENTRALIDAD

RESUMEN

La emergencia de nuevos centros y la transformación en la centralidad intraurbana es resultado, entre otras razones, de nuevas lógicas locales de las empresas de comercio y servicios, que determinan en gran parte la localización de estos nuevos centros, al mismo tiempo que estos determinan las ubicaciones de “nuevos” emprendimientos. Desde mediados de los años 1990, pero con intensificación a partir de este siglo, la multiplicación de áreas de concentración de comercios y servicios en la ciudad de Campos dos Goytacazes-RJ ha sido impulsada por agentes hegemónicos del sector comercial y de servicios, con el progresivo aumento de aquellos que actúan en escalas cada vez más ampliadas, en conjunto con agentes inmobiliarios y con el poder público, responsables por la alteración del patrón de uso y ocupación del suelo en el interior de la ciudad. Estos agentes han forjado nuevas áreas de concentración y, principalmente, alterando los flujos tanto en la escala de la ciudad, como en la escala de la red urbana, o sea, hay cambios en los papeles desempeñados por las diferentes áreas dentro de la ciudad, incluso del Centro, y también en relación al papel de la ciudad en la escala de la red urbana. De esta forma, el principal objetivo de este artículo es comprender el proceso de reestructuración urbana y de la ciudad, por el cual Campos dos Goytacazes viene pasando, a través del análisis de los centros y de sus respectivas centrales, teniendo como objeto de investigación a los agentes económicos de los sectores comerciales y de servicios -con sus respectivos grados de informatización y actuación- que, a partir de nuevas lógicas empresariales y espaciales, relacionadas con las actuales imposiciones y demandas del modo de producción hegemónico, han transformado la centralidad intra e interurbana de la ciudad, o sea, los procesos en curso tienden a producir una ciudad donde su dinámica y estructura está cada vez más relacionada con la multi (poli) centralidad.

Palabras clave: Reestructuración urbana y de la ciudad, Centro y Centralidad, Comercio y servicios, Campos dos Goytacazes.

CAMPOS DOS GOYTACAZES: FROM A MONONUCLED CITY TO MULTI (POL) CENTRALITY**ABSTRACT**

The emergence of new centers and the transformation in the intra-urban centrality is a result, among other reasons, of new locational logics of commerce and services companies, which determine to a great extent the location of these new centers, at the same time as these determine the locations of "new" developments. Since the mid-1990s, but with intensification since this century, the multiplication of areas of concentration of commerce and services in the city of Campos dos Goytacazes-RJ has been driven by hegemonic agents of the commercial and services sector, with the progressive increase of those which work on increasingly scales, together with real estate agents and the public power, responsible for changing the pattern of land use and occupation in the city. These agents have forged new areas of concentration and, mainly, changed the flows both in the scale of the city and in the scale of the urban network, that is, there are changes in the roles played by the different areas within the city, including the Center, and also in relation to the role of the city in the scale of the urban network. In this way, the main objective of this article is to understand the process of urban and city restructuring, through which Campos dos Goytacazes has been passing through the analysis of the centers and their respective centralities, having as object of investigation the economic agents of the commercial sectors and services - with their respective degrees of computerization and performance - that, based on new business and spatial logics, related to the current impositions and demands of the hegemonic mode of production, have transformed the intra and interurban centrality of the city, that is, the ongoing processes tend to produce a city where its dynamics and structure is increasingly related to multi (poly) centrality.

Keywords: Urban and city restructuring, Center and Centralization, Commerce and services, Campos dos Goytacazes.

Introdução

A cidade de Campos dos Goytacazes sempre desempenhou papel de Centro Regional sobre o Norte Fluminense. Quando essa região foi, em 1987, dividida em regiões Norte e Noroeste, passou a exercer maior polarização sobre a primeira, pois Itaperuna ampliou sua influência sobre a segunda. No Norte Fluminense, com a expansão do setor petrolífero e a importância de Macaé nessa atividade, Campos teve seu papel relativizado, mas, ainda assim, influencia um conjunto de cidades. Campos desempenha papel relevante no setor educacional, pois é um polo neste ramo e, em menor proporção, exibe relevância nas atividades de saúde. Sua função como centro comercial e de serviços foi reforçada com a inserção de empresas que geralmente estavam restritas às metrópoles e grandes cidades, inclusive com a inserção de novas formas comerciais e de serviços, como shopping centers e hipermercados.

A intensificação da inserção de atividades provenientes de escalas variadas tem alterado o nível e a frequência das relações da cidade em relação a um número crescente de localizações cada vez mais longínquas, alterando os fluxos e o papel de Campos no interior de uma rede urbana cada vez mais global. Essa reestruturação na escala urbana tende a se processar também na escala da cidade, porque esse tipo de empresa, bem como aquelas já existentes ou que surgem e que são originárias da própria cidade, tem atuado com base em renovadas lógicas espaciais, o que se deu, entre outros motivos, graças às inovações nas tecnologias da informação e de transportes, ao processo geral de flexibilização e de desregulamentação, entre outros.

Essa modificação nas lógicas locais das atividades comerciais e de serviços, as quais têm se associado, crescentemente, aos capitais imobiliário e financeiro, além do poder público – responsável pela viabilização da legislação, infraestrutura adequada, entre outras

ações –, tem viabilizado a produção de novas localizações na cidade propícias à instalação de atividades que antes, geralmente, estavam restritas ao Centro. Isso está grandemente relacionado com a intensificação do uso do automóvel, uma vez que essas novas áreas de concentração de comércios e serviços foram produzidas ao longo de importantes eixos viários da urbe.

Com a formação de novos centros comerciais e de serviços, cujos conteúdos e papéis não são os mesmos dos antigos subcentros, notamos a alteração nos fluxos (pessoas, mercadorias e de informações) na escala intra-urbana. Assim, podemos dizer que Campos dos Goytacazes tem passado, no início deste século, por um processo de reestruturação urbana e da cidade, o que é, em grande parte, fruto da complexa associação entre tipos, portes e origens de capitais, inovações tecnológicas, renovadas formas de atuação e de agregação empresarial e do poder público, entre outros, haja vista os novos papéis impostos a diversas localizações em Campos e a alteração nas relações entre estas, destas com outros espaços dessa cidade, assim como outras escalas espaciais. Desta forma, as transformações na estrutura da urbe têm configurado uma morfologia marcada pela multi(poli)centralidade.

A fim de evidenciar que Campos dos Goytacazes vem passando por um processo de reestruturação intra e interurbana, responsável por uma estrutura marcada pela multi(poli)centralidade, organizamos o texto em três partes. Na primeira, explicitamos os processos preponderantes, principalmente econômicos – além daqueles de ordem política –, que orientaram a formação de uma cidade estruturada, predominantemente, em função e ao redor de um único centro. Na segunda parte, demonstramos, por meio da constatação da existência de áreas de concentração de comércios e serviços e pela análise dos fluxos que tais localizações impõem, que houve alteração em tais processos e, mesmo, a inserção de novos, os quais contribuíram para a produção de uma morfologia composta por vários centros, que expressam diferenciadas centralidades. Na última parte estão as considerações finais com algumas das possíveis conclusões acerca das transformações em curso. Por fim, temos as principais referências utilizadas neste texto.

A produção de uma cidade mononucleada

A estrutura urbana da cidade é resultado de processos relacionados com o período atual e de determinações de períodos passados, ou seja, é um mosaico composto por formas, originadas em tempos diversos, que se justapõem e, ao mesmo tempo, se sobrepõem. A compreensão da morfologia atual da cidade de Campos dos Goytacazes remonta não apenas aos processos ora em curso, senão ainda àqueles com origens em escalas temporais bastante diversificadas, tendo em vista que sua estrutura é tributária da forma de implantação da vila, a qual estava especialmente associada a imperativos externos, relacionados com interesses da metrópole, que implantava centros urbanos como estratégia para a comercialização das riquezas e controle do território, ou seja, os centros urbanos, além de centros comerciais, atuavam como centros administrativos. Tais funções, principalmente a comercial, além do controle, determinaram a localização do centro urbano, o que é característico do modelo colonial, pois, visando atender a uma produção voltada para o mercado externo, as aglomerações deveriam ser instaladas no litoral ou à beira dos rios, neste caso o Paraíba do Sul, num certo ponto onde foram implantados um centro comercial e portos para a distribuição dos produtos até o Rio de Janeiro – tendo em vista que a dinâmica sócio-

econômica que deu origem à região e à cidade era imbricada à economia e à política desta cidade, para onde grande parte dos alimentos se dirigiam (CRUZ, 2003). Desta forma, podemos dizer que o principal interesse da criação da Vila de Campos foi a comercialização das mercadorias da região (FARIA, 2001).

Inicialmente, essa produção estava associada à pecuária, sendo substituída na segunda metade do século XVII pelo açúcar em função da grande demanda internacional e no mercado do Rio de Janeiro – para onde a maior parte da produção de Campos era destinada –. Essa substituição resultou numa progressiva especialização da, então, Vila de São Salvador, e da Região Norte Fluminense, proporcionando momentos de prosperidade e de crise. Para Silva e Carvalho (2004), a região e a cidade passaram por ciclos de crescimento econômico e de crise e estagnação. O primeiro deu-se a partir da produção açucareira com base nas usinas a vapor (1880-1890), o segundo teve como base os investimentos que contribuíram para a consolidação do parque industrial sucroalcooleiro¹ (1920-1960) e o terceiro foi impulsionado pelos investimentos na exploração petrolífera na Bacia de Campos (nos anos 1980). Atualmente, Campos dos Goytacazes passa por severa crise decorrente do declínio da economia e da política no país e da queda dos *royalties* e de participações especiais provenientes da exploração do petróleo na Bacia de Campos.

Apesar das crises, o modelo de produção adotado trouxe crescimento e estabilidade para a economia regional e para Campos dos Goytacazes, inicialmente Vila de São Salvador, por certos períodos, algo que pode ser notado por meio da importância dessa região tanto para o Rio de Janeiro quanto para o Brasil. O dinamismo que se verificou na economia do Norte Fluminense promoveu ampla circulação de capitais, especialmente em Campos, que ganhou foro de cidade em 28 de março de 1835 (SILVA; CARVALHO, 2004). A elevação da Vila de São Salvador à categoria de cidade estava relacionada com a grande transformação no processo de produção do açúcar, em função da introdução neste local do primeiro engenho a vapor na região, no ano de 1830, e ao fortalecimento do comércio, um dos responsáveis pelo crescimento urbano (OLIVEIRA, 2012).

O crescimento urbano em Campos é resultado da implantação de uma moderna infraestrutura financiada pela aristocracia açucareira, que, entre 1842 e 1900, passou a construir neste local (cidade – centro urbano) a sua moradia (inicialmente temporária, posteriormente definitiva), uma vez que sua presença permanente nos engenhos tendeu a ser cada vez mais dispensável, além de sua progressiva associação com o capital comercial (OLIVEIRA, 2012). Isso se intensificou nos primeiros anos do século XX, período áureo para a produção do açúcar, favorecendo diversos setores comerciais, por sua associação com os produtores do açúcar, geralmente por meio de negócios ou por casamento, esposando, assim, o capital agrário-industrial com o mercantil (FARIA, 2008).

Porém, a grande riqueza de Campos no século XIX, baseada na produção do açúcar, levou à expansão descontrolada da área urbana, com ocupações nas áreas periféricas, habitadas pelas camadas mais pobres da população, contrastando com os locais ocupados pelas mansões da aristocracia (OLIVEIRA, 2012). As crises dessa principal atividade econômica levaram à migração de um grande contingente da população, em constante crescimento – em 1872, no primeiro Recenseamento Nacional realizado pelo Governo

¹ O período é marcado, ainda, pela prosperidade da produção cafeeira, sobretudo nos anos 1920, quando Itaperuna se consolida como maior produtor do país, porém, na década seguinte, a produção declina com a crise de 1929 e a concorrência de São Paulo (SILVA; CARVALHO, 2004).

Imperial, Campos despontava como a quarta maior cidade do império, com predominância daquela residente na área rural (OLIVEIRA, 2012) –, para a área urbana.

A prosperidade econômica, proporcionada principalmente pela produção sucroalcooleira, incentivou o adensamento de um conjunto de atividades comerciais, destinadas, em grande parte, ao suporte desta produção e, crescentemente, daquelas atividades ligadas ao consumo – pois as práticas capitalistas impõem grandes transformações nos hábitos de consumo da sociedade² – no local onde se instalou a vila³, pois se trata da localização de maior acessibilidade, considerando as vias e portos construídos, e, além disso, a própria presença de atividades de exportação e importação atraiu outros serviços para este local da cidade, “[...] estimulando o desenvolvimento do pequeno comércio [...]” (FARIA, 2001, p. 6), área que passa a ser alvo da aristocracia para a construção de seus casarões. Contudo, o crescimento populacional e as referidas crises que abateram o campo empurraram grande contingente populacional para a área urbana, levando à formação de uma grande periferia.

Com a expansão da área urbana, o local onde anteriormente fundou-se a vila transformou-se em Centro, tornando as áreas adjacentes as periferias, geralmente associadas a parcelas da população com menor poder econômico. Essa expansão, dentro do próprio tecido urbano e à oeste, avançava com grandes investimentos numa moderna infraestrutura, por outro lado, em sua expansão periférica e mesmo nos bairros internos ao tecido, preteridos pela elite açucareira, expandia com agravos nas condições de salubridade e ausência de infraestrutura adequada. Portanto, a cidade cresce com duas faces, aquela voltada para os interesses político-econômicos da elite de torná-la a capital da província do Rio de Janeiro – que reflete uma cidade bem estruturada – e outra desordenada (OLIVEIRA, 2012).

No núcleo central se estabeleceram os poderes religiosos, políticos, econômicos, o comércio destinado ao atendimento das necessidades dos setores produtivos, tendo o setor sucroalcooleiro como o principal vetor, e, progressivamente, uma variedade de atividades ligadas ao consumo, além da principal parcela da população que detinha maior poder econômico. Os diversos planos urbanísticos implementados, cuja principal função era empurrar para as periferias as populações menos favorecidas, contribuiu para tornar esta parcela da cidade num lugar de atração de pessoas e mais atividades.

O Centro passou a ser símbolo de poder, pois ali estava o governo municipal, o poder religioso e um dos principais pilares da economia da cidade – em função de sua associação com a aristocracia sucroalcooleira –, o comércio, pois, segundo Faria (2001), a concentração das transações comerciais em um único centro urbano contribuiu para a estruturação e desenvolvimento da cidade.

² Essa transformação manifestou-se no desenvolvimento dos estabelecimentos de comércio varejista e de serviços de consumo individual. [...] é a urbanização do ponto de vista da crescente transferência para a cidade, de funções outrora desempenhadas na casa. Chegava ao fim da fase em que as grandes compras [...] eram feitas individualmente, por encomenda à casa importadora. Chegava também o fim da fase em que o serviço ia a casa. Agora o comprador vai à loja e a família, ao serviço; o cliente, ao consultório; o estudante, à escola [...] (VILLAÇA, 2001).

³ Considerando que o patrimônio pertencente à vila de São Salvador era de meia légua, sendo estabelecido pelo General Salvador Correa de Sá e Benevides, para que o Senado da Câmara desta Vila pudesse repartir com moradores que quisessem edificar suas casas, objetivando o seu crescimento (FEYDIT, 1979), o aglomerado que se forma possui uma extensão territorial, de certa forma, pequena (FEYDIT, 1979), obtendo, posteriormente, certa expansão, formando um quadrilátero entre as ruas Barão de Miracema, Tenente Coronel Cardoso, Marechal Floriano e o Rio Paraíba.

Para os campistas, o Centro é um retângulo de pouco mais de 1 Km², onde estão concentradas as atividades comerciais. Fora do centro, tudo é “fora de mão” ou fica longe. “Não dá certo”; “Não pega”; “Não progride”. Esta noção é originária da concentração urbana nesse retângulo. Ali, moravam os senhores abastados, alguns dos barões, existiam os solares, o comércio, as casas dos burgueses, a intelectualidade, as atividades culturais e artísticas. Todos eram servidos por escravos e, mesmo depois da abolição, não dispensavam a criadagem. Ruas estreitas, aglomeração, negócios, fizeram sempre do Centro o núcleo mais importante do Município e o ponto de referência de todas as épocas. O fortalecimento do Centro, com certa infraestrutura, adequada a cada uma de suas épocas, fortaleceu e consolidou o miolo central da hoje cidade de Campos (PINTO, 2006,). Na figura 1 é possível verificar a grande aglomeração no Centro.

Figura 1: A aglomeração no centro – Boulevard Francisco de Paula Carneiro



Fonte: PIMENTEL, 2011⁴

Dessa forma, o desenvolvimento econômico da cidade trouxe crescimento em número e diversificação do setor comercial no Centro, tendo em vista que a indústria açucareira representava a riqueza da planície; porém, era o comércio quem monopolizava os lucros – o comércio varejista era beneficiado pela ida do homem do campo e dos cidadãos à cidade (Centro) para obter artigos de consumo, enquanto o atacadista geralmente atendia às indústrias açucareiras (LAMEGO, 1945). O comércio ganha cada vez mais importância por causa da progressiva transformação da sociedade em urbana, a qual necessita, cada vez mais, buscar o mercado para satisfação de suas necessidades, pois geralmente já não possui condições de produção para subsistência, além da criação de uma infinidade de necessidades impostas pelo mercado – tornando este local um polo que atrai comércios e, crescentemente, serviços e população residente em toda a cidade e região, pois o Centro de Campos dos Goytacazes tornou-se “[...] a principal praça de negócios da região Norte Fluminense” (FÉRES, 2017).

Tais funções (comercial e, crescentemente, o setor de serviços) ganham ainda mais destaque com colapso, quase que total, do setor sucroalcooleiro na década de 1980 e com as grandes receitas provenientes da exploração do petróleo na Bacia de Campos, principalmente

⁴ Fotografia disponibilizada no Blog “Campos dos Goytacazes em fotos”. Disponível: <<http://camposfotos.blogspot.com.br/2010/09/fotos-de-joao-pimentel.html>>. Acesso: 22 de março 2018.

a partir da segunda metade da década de 1990. Além da gigantesca injeção de capitais na cidade – tendo em vista que Campos dos Goytacazes era, até o ano de 2017, o maior receptor do país (perdendo este posto em função, entre outros motivos, da exploração na Bacia de Santos e do Pré-sal) – criou-se a necessidade de um conjunto de atividades comerciais e de serviços, tanto aquelas destinadas ao suprimento desse setor petrolífero (geralmente localizadas na cidade de Macaé⁵) quanto para o atendimento de necessidades de um grande contingente de trabalhadores de toda essa cadeia produtiva, haja vista que Campos possui alto grau de fornecimento de mão de obra para as diversas atividades ligadas direta ou indiretamente à exploração do petróleo, tendo em conta que a cidade é um polo educacional regional (nível técnico e superior). O setor de serviços em Campos assumiu certo grau de complementaridade, direta ou indireta, ao setor petrolífero, tendo, estes, imprimido fortes impactos sobre a reestruturação econômica do Norte Fluminense e, conseqüentemente, de Campos dos Goytacazes, cuja economia era voltada, prevalentemente, para a atividade agrícola (NETO; NETO, 2006).

Além dessa protuberante injeção de capitais, já na década de 2000, a divulgação e construção do Complexo Portuário do Açú foi responsável por gerar grande expectativa para os negócios em Campos. Este fato, associado à existência de um considerável contingente de trabalhadores na cadeia produtiva do petróleo, tende a impulsionar os diversos setores comerciais e de serviços – considerando a grande demanda por estas atividades em função do elevado número de consumidores com considerável poder econômico –, sem esquecer de uma pequena parcela da população, ligada a certos grupos políticos, que são os verdadeiros beneficiários das receitas do petróleo e para quem algumas atividades, ditas exclusivas ou mais selecionadas, são verdadeiramente destinadas.

Dessa forma, os processos em curso estruturaram uma cidade onde o Centro passou a concentrar progressivamente atividades comerciais e de serviços (do setor público e privado), além de grande parte das residências, inicialmente da elite açucareira. Porém, já em finais do século XX, com o relativo abandono por parte das classes mais abastadas da área central – principalmente em direção a oeste (Jardim Maria de Queiroz – expansão iniciada desde o início do século XX, com a implementação de moderna infraestrutura nessa direção, posteriormente direcionada para onde atualmente é a Pelinca, em grande parte, por meio da construção de condomínios verticais e, em suas proximidades ou em outras direções, por meio da construção de condomínios horizontais em áreas com grande disponibilidade de terra, geralmente já transformadas em solo urbano) –, temos o incremento da função comercial e de serviços do Centro, reforçando ainda mais o caráter comercial dessa área.

No final do século XX, além das mudanças ocorridas na área central, as periferias foram alvo de grandes transformações, algo que pode ser notado por sua ocupação residencial por diferentes camadas da sociedade, tendo em vista que o colapso do setor sucroalcooleiro deixou ociosa uma gigantesca parcela da população – resultando em incremento na população urbana e, conseqüentemente, sobre as áreas periféricas da cidade – e da terra em Campos dos Goytacazes, muitas das quais, atualmente, foram transformadas em condomínios residenciais ou vazios urbanos à espera de valorização imobiliária, ou seja, além da mudança na base da economia da cidade – atualmente dependente das receitas advindas da exploração do petróleo – e da precedente associação entre os capitais

⁵ Geralmente as empresas ligadas diretamente ao setor petrolífero se instalaram em Macaé, porém em Campos há presença de algumas, como as empresas de TI (Tecnologia da Informação) “INDRA” e “CTIS”, entre outros tipos de atividades.

agroindustrial e comercial, nos dias atuais, a elite campista, que anteriormente concentrava terras, capitais e influência política, estendeu ainda mais o seu domínio sobre estes elementos, metamorfoseando-se, de agrária, em elite imobiliária (MOREIRA, 2014).

Essas modificações na economia da cidade e na relação com a terra – as quais não são apenas resultados de processos internos –, tais como modificações em relação ao seu uso e ocupação (englobando, cada vez mais, espaços, antes rurais, ao tecido urbano) e, geralmente, atribuindo funções residenciais destinadas não apenas às camadas da população menos favorecidas têm contribuído para a produção de uma morfologia, de certa forma, fragmentada, que não está somente relacionada à função residencial, senão ainda às dinâmicas dos setores comerciais e de serviços, pois a localização das áreas de concentração de tais atividades tem sido determinada, em grande parte, pela elite imobiliária, cada vez mais associada com tais setores e com o poder público. Com isso, a formação de áreas de concentração de comércios e serviços fora do Centro tem transformado tanto as áreas periféricas quanto o próprio Centro, modificando, assim, a relação entre centro e periferia na cidade e a escala urbana.

Desta forma, a produção da cidade, desde meados do século XVII até finais do século XX, esteve associada à produção do açúcar – e do álcool, este principalmente com a injeção dos recursos provenientes do Proálcool –, o que impulsionou a inserção e o adensamento no centro urbano – localizado onde foi instalada a Vila e onde foram implementadas infraestruturas, transformando esse ponto, às margens do rio, na localização de maior acessibilidade, considerando seus portos e o número cada vez maior de vias de acesso – de um conjunto de atividades comerciais, destinadas, em grande parte, ao suporte dessa produção e, crescentemente, daquelas atividades ligadas ao consumo.

Os processos econômicos, sociais, políticos e culturais ora em curso nos planos global, nacional, regional e local configuraram uma estrutura urbana e da cidade centralizada no centro urbano de Campos dos Goytacazes, apesar de alguns subcentros formados em algumas localizações do município, ou seja, aquela porção do espaço onde foi implantada a vila passou a representar não apenas o local onde a produção era reunida e enviada para fora, senão ainda passou a polarizar, cada vez mais, atividades comerciais e de serviços, o que impulsionou a centralização sobre escalas mais ampliadas e sobre um número cada vez maior de pessoas, haja vista as novas necessidades de consumo ditadas pelo Capitalismo. Ademais, essas escalas de influência eram prevaletentes sobre uma parcela do espaço mais restrita, basta ver as limitações ainda presentes no setor de transportes e de comunicações, condições que foram grandemente modificadas a partir da segunda metade do século XX no Brasil, considerando os transportes (a partir da década de 1950, o transporte rodoviário é amplamente valorizado), e a partir da década de 1970, considerando as inovações nas tecnologias de comunicação, resultando na alteração progressiva da relação espaço-tempo no nível mundial e mudanças, de forma desigual, nas escalas nacional, regional e intra-urbana.

Com isso, os processos que orientaram a estruturação da cidade de Campos dos Goytacazes configuraram uma estrutura onde prevalecia a monocentralidade, que pode ser notada, entre outras maneiras, a partir da análise dos planos urbanísticos implementados nessa cidade, os quais tinham um caráter preponderantemente higienista e concentravam suas ações na área central. Assim, o Plano de Reordenação Urbana da Cidade de Campos dos Goytacazes (1944), cujo objetivo era ordenar o crescimento da cidade, estabeleceu os limites da cidade e do Centro e, apesar de viabilizar certa desconcentração em relação aos investimentos em infraestrutura, condicionou os fluxos em direção ao núcleo original, ou

seja, apesar de certa desconcentração, condicionou uma estrutura centrípeta, na qual as principais vias estruturais da cidade levavam ao Centro (OLIVEIRA, 2012).

Uma transformação morfológica: da monocentralidade à multi(poli)centralidade intra-urbana

A partir do final da última década do século XX, os processos globais de flexibilização e desregulamentação da economia, da política etc. e as inovações nas tecnologias de comunicação e de transportes, principalmente a intensificação do uso do automóvel particular (tendo em vista a precarização do transporte coletivo na cidade e no país), transformam os processos que orientam a estruturação da cidade, cujos resultados mais marcantes têm sido a multiplicação no número de centros comerciais em seu interior. Essa multiplicação é resultado tanto de processos globais, que impõem e necessitam, ao mesmo tempo, de novas lógicas locais das atividades produtivas, comerciais e de serviços, tanto na escala global quanto na escala da cidade, graças às novas tecnologias de transportes e de comunicações, como de processos particulares ao Brasil, ao estado, à região e a Campos dos Goytacazes.

Por isso, tais transformações se concatenam de forma bastante particular no interior da cidade, marcada pela existência de problemas inerentes à área central, como congestionamentos, falta de estacionamento e espaço ou estrutura inadequada dos imóveis – muitas construções são provenientes de períodos passados e, grande parte delas, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) –, e pela produção do espaço cada vez mais voltado à viabilização do fluxo de veículos. Esse fluxo é cada vez mais necessário, pois a produção da cidade tem sido efetivada por meio de um tecido, crescentemente, descontínuo (e, de certa forma, fragmentado), ademais, a existência de interesses de uma elite imobiliária (associada ao poder público) impulsionou um conjunto de atividades a buscar por novas localizações no interior da cidade.

Essas novas localizações das atividades comerciais e de serviços se deram, prevalentemente, além dos subcentros formados em muitos bairros, nas vias estruturais da cidade, graças à instauração do Plano de Desenvolvimento Urbano de Campos dos Goytacazes em 1979. Além da proposta de melhoramento do sistema viário, o plano estabeleceu classificações das vias como Eixos de Comércio e Serviços (ECS), concedendo condições diferenciadas de uso e ocupação do solo em tais eixos em relação às zonas urbanas que atravessam (OLIVEIRA, 2012). De início, houve transbordamento das atividades do Centro sobre essas vias principais e, em seguida, tivemos a inserção de empresas provenientes de outras escalas e que, muitas vezes, não podem ser encontradas no núcleo original.

Atualmente, a cidade é composta por um grande número de áreas de concentração de comércio e serviços, evidenciando, de certa forma, a multiplicação de centros comerciais. Destes, podemos destacar, considerando aquelas localizações onde se formaram concentrações expressivas, as principais avenidas da urbe: 15 de Novembro, Tenente Coronel Cardoso, Alberto Torres, Alberto Lamego, Pelinca, 28 de Março, Tancredo Neves, José Carlos Pereira Pinto e BR 101, além da Rodovia Raul Souto Maior (RJ 216) em Campos dos Goytacazes. Na tabela 1, verificamos o número total de estabelecimentos em cada

localização selecionada, além disso, a tabela expressa, tendo como base uma margem de erro de 7%, a quantidade de questionários que deveriam ser e que foram aplicados como forma de análise nesta pesquisa.

Tabela 1: Número de estabelecimentos e questionários a aplicar e aplicados por área de estudo

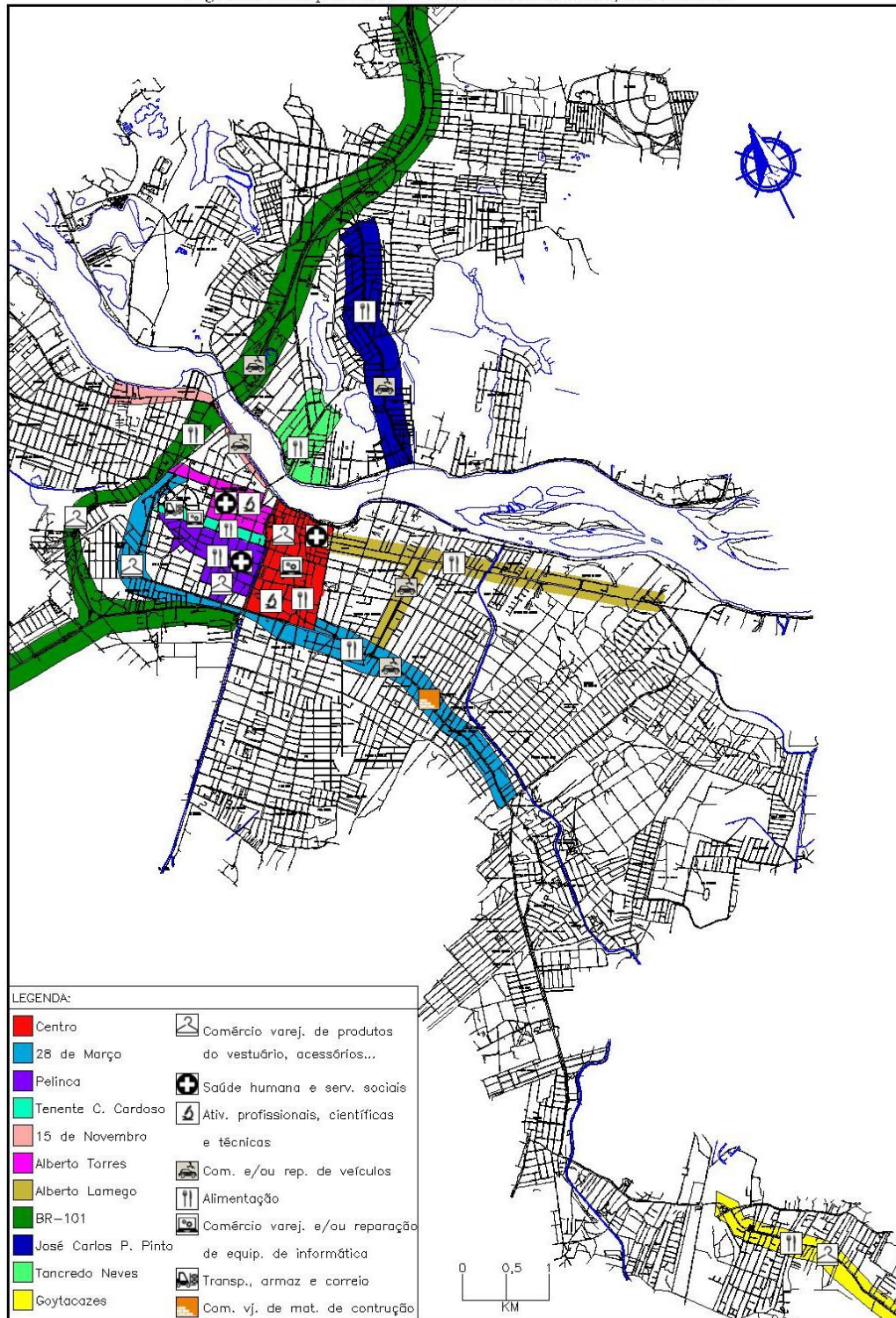
Áreas	Estabelecimentos	Questionários a aplicar	Questionários aplicados
Centro	3035	168	166
Pelinca	878	148	150
BR 101	585	136	107
28 de Março	562	135	131
Goytacazes	337	116	96
Alberto Torres	324	115	92
José Carlos P.Pinto	314	114	114
Alberto Lamego	211	96	96
Tenente.C. Cardoso	146	80	70
15 de Novembro	143	79	77
Tancredo Neves	121	72	72
Total	6656	1260	1171

Fonte: Pesquisa de campo (2017)

As áreas de concentração selecionadas possuem grande e expressiva quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços, porém a maior concentração ainda está no Centro, seguido pela Pelinca, BR 101 e Avenida 28 de Março, respectivamente. Além da variação em número total de empresas, há padrões específicos em cada localização, algumas exibem maior ou menor diversificação, com destaque para o Centro (maior diversificação), enquanto em outras predomina a especialização - eixo 15 de Novembro (autopeças e assemelhados), eixo Alberto Torres (serviços de cartórios, advocacia e serviços de saúde) etc. (figura 2).

Desta forma, a cidade já não é mais composta por um único centro, mas exprime uma morfologia mais complexa, marcada pela existência de vários centros comerciais com expressiva concentração de atividades comerciais e de serviços; porém, a redefinição do que consideramos ser a centralidade não pode ser analisada apenas no plano da localização das atividades, pois o recorte territorial define o centro, não a centralidade. Esta deve ser estudada a partir das relações entre essa localização com outras (da cidade e outras escalas) e dos fluxos que ela gera e que a sustentam. Os fluxos permitem a apreensão da centralidade porque é por meio dos nódulos de articulação da circulação intra e interurbana que ela se revela. Enquanto a localização, sob a forma de concentração de atividades comerciais e de serviços, revela o que se considera como central, o que se movimenta institui o que se mostra como centralidade (SPOSITO, 2001).

Figura 2: Principais atividades nas áreas de concentração selecionadas



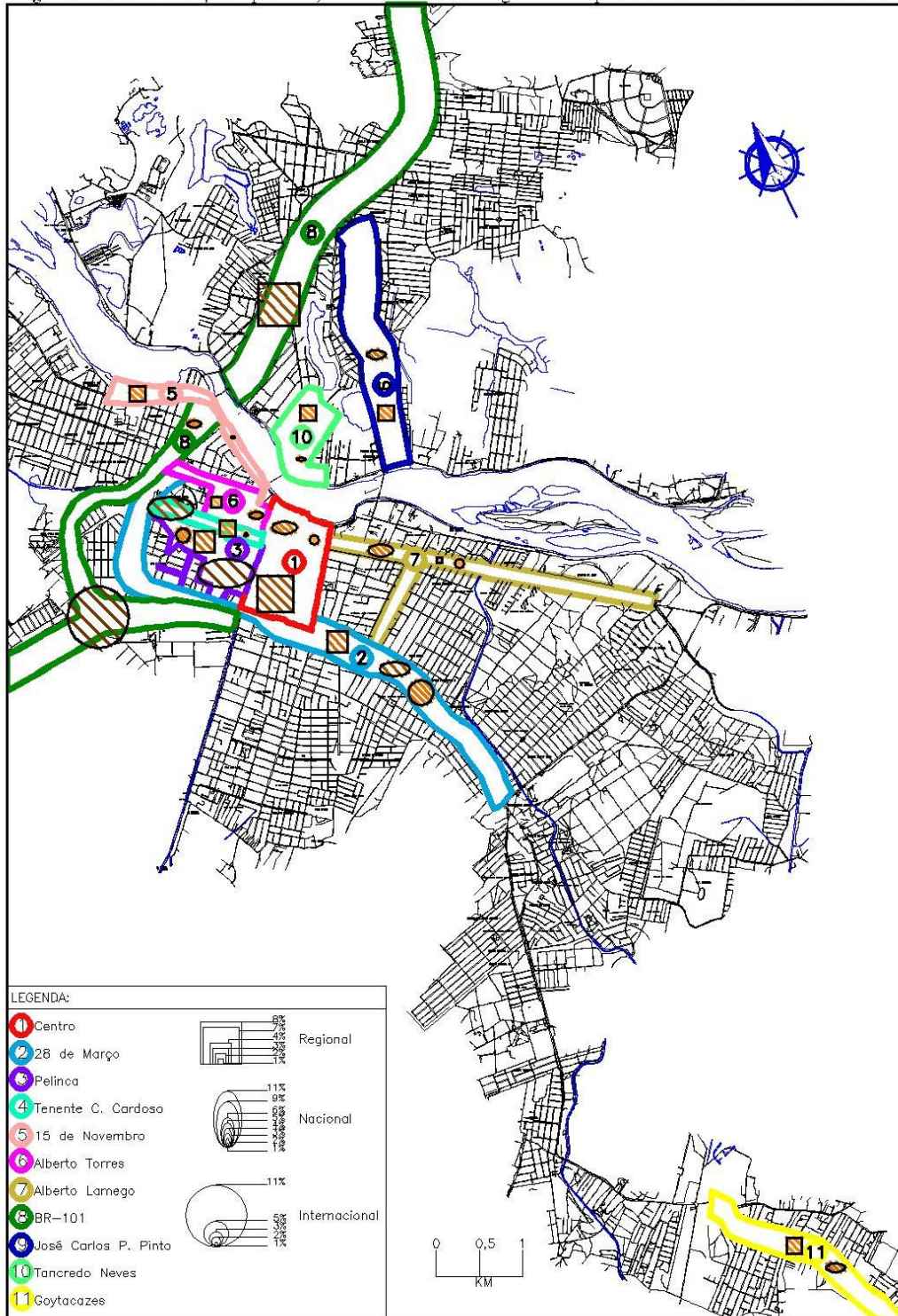
Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Desenho: Jaiana Lirio, tendo como base o Urbano de Campos dos Goytacazes (2018)

Assim, entendendo a centralidade como expressão do centro, buscamos apreendê-la por meio da análise dos fluxos que as localizações selecionadas na cidade impulsionam. Para isso, elegemos o grau de inserção supralocal (empresas originárias de escalas externas à cidade), a maior ou menor inserção e a escala de atuação de empresas organizadas em forma

de rede, o índice de informatização, a média de renda e a escala de polarização dos centros selecionados sobre o fluxo de pessoas, como forma de verificar os tipos e os níveis de centralização exercidos pelas diversas áreas de concentração da cidade.

Figura 3: Grau de inserção supralocal, tendo como base a origem das empresas localizadas nos centros selecionados



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Desenho: Jaiana Lirio, tendo como base o Urbano de Campos dos Goytacazes (2018)

Cada centro possui uma configuração específica, porém, em todos eles, há predomínio de empresas originárias da escala local. Na BR 101 (exceto o Boulevard Shopping, composto por aproximadamente 80% de estabelecimentos provenientes da escala supralocal), é menor a presença de capital local, ao passo que na Pelinca, 28 de Março, Centro, Tenente Coronel Cardoso, respectivamente, temos uma maior relevância dos capitais locais.

Quando consideramos apenas as empresas procedentes de outras escalas, verificamos que, no Centro, há predominância da escala regional. Em menor grau, isso também ocorre no eixo 15 de Novembro e Tancredo Neves. No eixo José Carlos Pereira Pinto e em Goytacazes, notamos expressividade daquelas atividades provenientes da escala regional e nacional, algo que ocorre, em menor grau, na Alberto Torres. Na Pelinca e na Tenente Coronel Cardoso, a maior expressividade é de capitais da escala nacional. Na 28 de Março há considerável inserção de estabelecimentos comerciais e de serviços da escala regional, nacional e internacional. A Alberto Lamego mostra prevalência da escala nacional, enquanto no eixo BR 101 essa inserção é mais expressiva em relação às escalas internacional e regional.

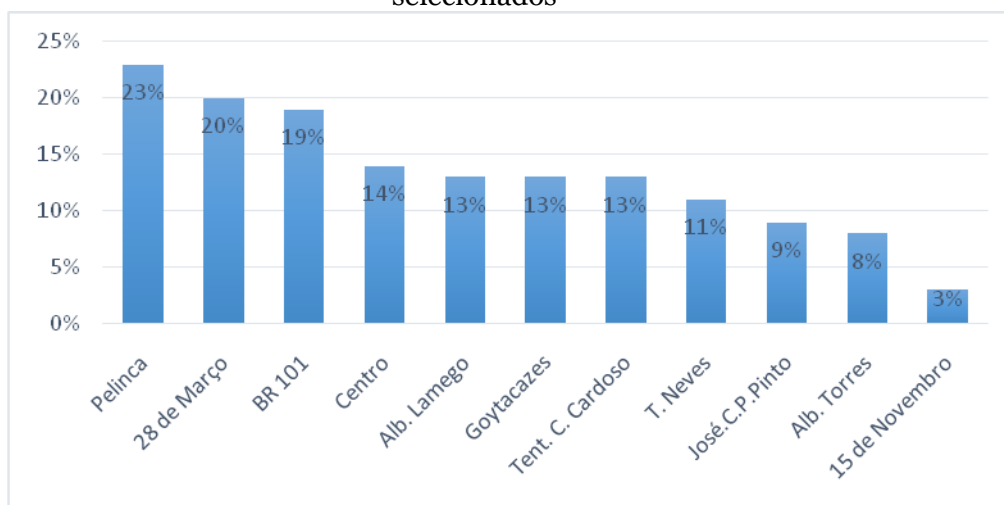
A inserção de empresas oriundas de escalas supralocais impulsiona fluxos de informações, de mercadorias e de pessoas, para dentro e para fora das distintas localizações da cidade, mostrando que isso não se dá mais apenas em direção ao Centro principal, pois não é mais o único que tem atraído este tipo de empresa, proporcionando alterações na dinâmica e na direção dos fluxos no interior da cidade e em relação às outras escalas espaciais.

Além da existência, em maior ou menor grau, em todas as localizações selecionadas, de empresas originárias de outras escalas, muitas delas, considerando o atual estágio do Capitalismo – informacional –, têm procurado atualizar sua forma de organização e de atuação com base nas atuais imposições, possibilidades e necessidades do modo de produção hegemônico, como o imperativo da competitividade, inovações tecnológicas, flexibilização e desregulamentação. Assim, a busca por localizações que ofereçam melhores condições de ampliação da taxa de lucro, considerando tanto o setor produtivo quanto da circulação, tornou-se global e as cidades médias, por já apresentarem papel de polarização sobre um conjunto de cidades menores, podem representar grandes possibilidades para acumulação.

A forma de organização característica do atual estágio do Capitalismo, as redes⁶, tem causado grandes alterações na dinâmica intra e interurbana de Campos, porque ampliam as relações da cidade para com outras escalas, cada vez mais diversas, modificando e incrementando os fluxos de informações, de mercadorias e de pessoas em tais graduações espaciais e conjuntamente no interior da cidade, já que tais empresas não se instalam mais apenas no Centro. As empresas, organizadas em forma de rede, têm escolhido, como lócus de atuação, a Pelinca, a 28 de Março e a BR 101, respectivamente – o que pode ser verificado a por meio da análise do gráfico 1. Contudo, a escala de tais empresas é variável segundo cada área de concentração.

⁶ A criação de redes é um atributo fundamental do informacionalismo, tornando-se um componente adicional e essencial deste período, influenciando a forma de organização dos lugares e das empresas (CASTELLS, 2009).

Gráfico 1: Percentual de empresas organizadas em forma de rede nos centros selecionados

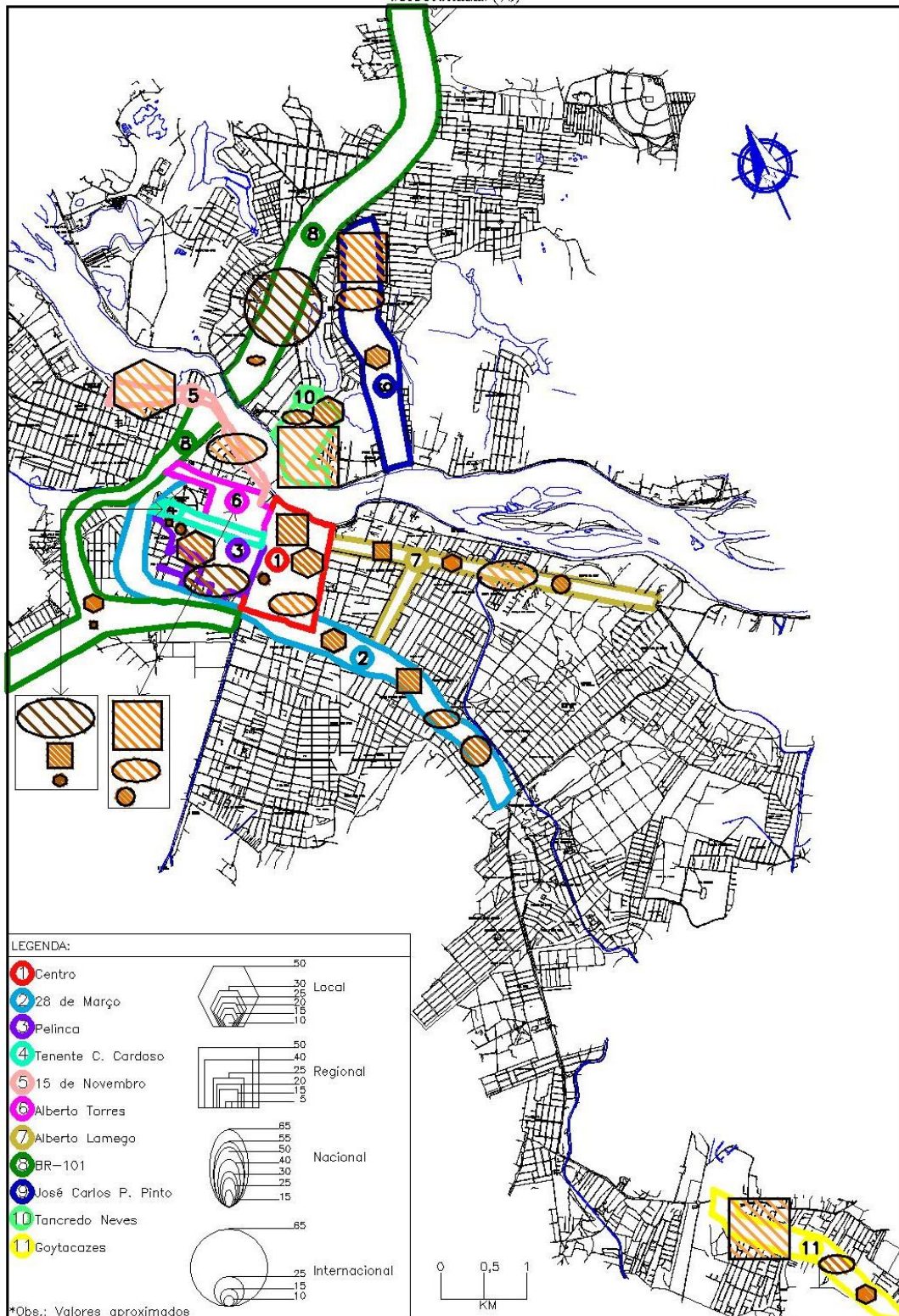


Fonte: Pesquisa de campo (2017)

No Centro, as empresas organizadas em forma de rede atuam em escalas espaciais relativamente amplas e, também, mais restritas, com preponderância das que operam na escala local, regional e nacional; na 15 de Novembro isso se dá em relação às escalas local e nacional; na Alberto Torres, regional e nacional; na Tenente Coronel Cardoso prevalecem aquelas com atuação nacional; na 28 de Março é relevante as atuantes na graduação local, regional, nacional e internacional; na Alberto Lamego predominam as que executam suas ações na ordem nacional; em Goytacazes e na Tancredo Neves predominam as atividades que atuam na graduação regional; na José Carlos Pereira Pinto há predomínio daquelas operantes nas escalas regional e nacional; na Pelinca, embora seja relevante aquelas que operam na ordem local, predominam as operantes na escala nacional; na BR 101 o principal tipo de empresa com atuação em rede é aquela que opera na escala internacional (figura 4).

As empresas, dependendo do seu nível de informatização, tendem a elevar o grau de informacionalização nas localizações onde se instalam, dada a maior necessidade de utilização de tecnologias de comunicação – telefones, computadores, redes informacionais, smartphones, etc. – com a rede (corporação, empresas subsidiárias, fornecedores, parceiros, processos de trabalho etc., além do maior uso de novas tecnologias para o *marketing*). Contudo, a elevação no índice informacional não está apenas relacionada com a forma de organização das empresas, mas ainda com o poderio econômico (que guarda relação com a escala de atuação), o tipo de atividade realizada etc.

Figura 4: Escala de atuação das empresas organizadas em forma de rede, considerando as áreas de concentração selecionadas (%)

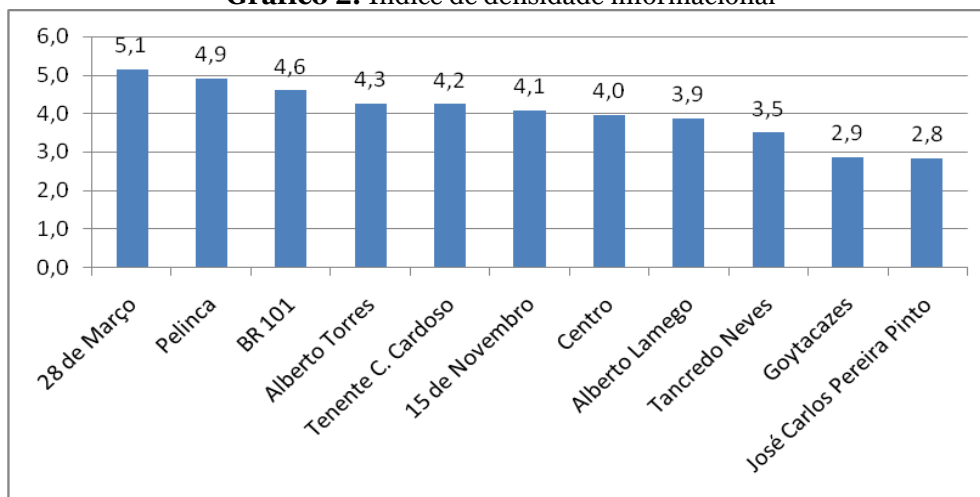


Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Desenho: Jaiana Lirio, tendo como base o Urbano de Campos dos Goytacazes (2018)

Apesar disso, é evidente a predominância do maior índice nas localizações onde há maior inserção de empresas organizadas nesse formato e atuantes em escalas mais amplas, fato que pode ser evidenciado pelo gráfico 2.

Gráfico 2: Índice de densidade informacional



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Além de estas áreas da cidade viabilizarem e atraírem⁷ empresas provenientes e que atuam em escalas diversificadas – com organização em formatos diversos, expressando índices variados de densidade informacional, ao mesmo tempo em que, apesar das diferenças, possibilitam a utilização de modernas tecnologias da informação –, elas expressam distintos (o que pode ser, algumas vezes, não tão diferente assim) níveis de polarização sobre o fluxo de pessoas (figura 5), considerando o tipo (haja vista que, de acordo com as regras do sistema Capitalista, a sociedade é dividida em classes, vide o seu poderio econômico) e a escala dessa centralização.

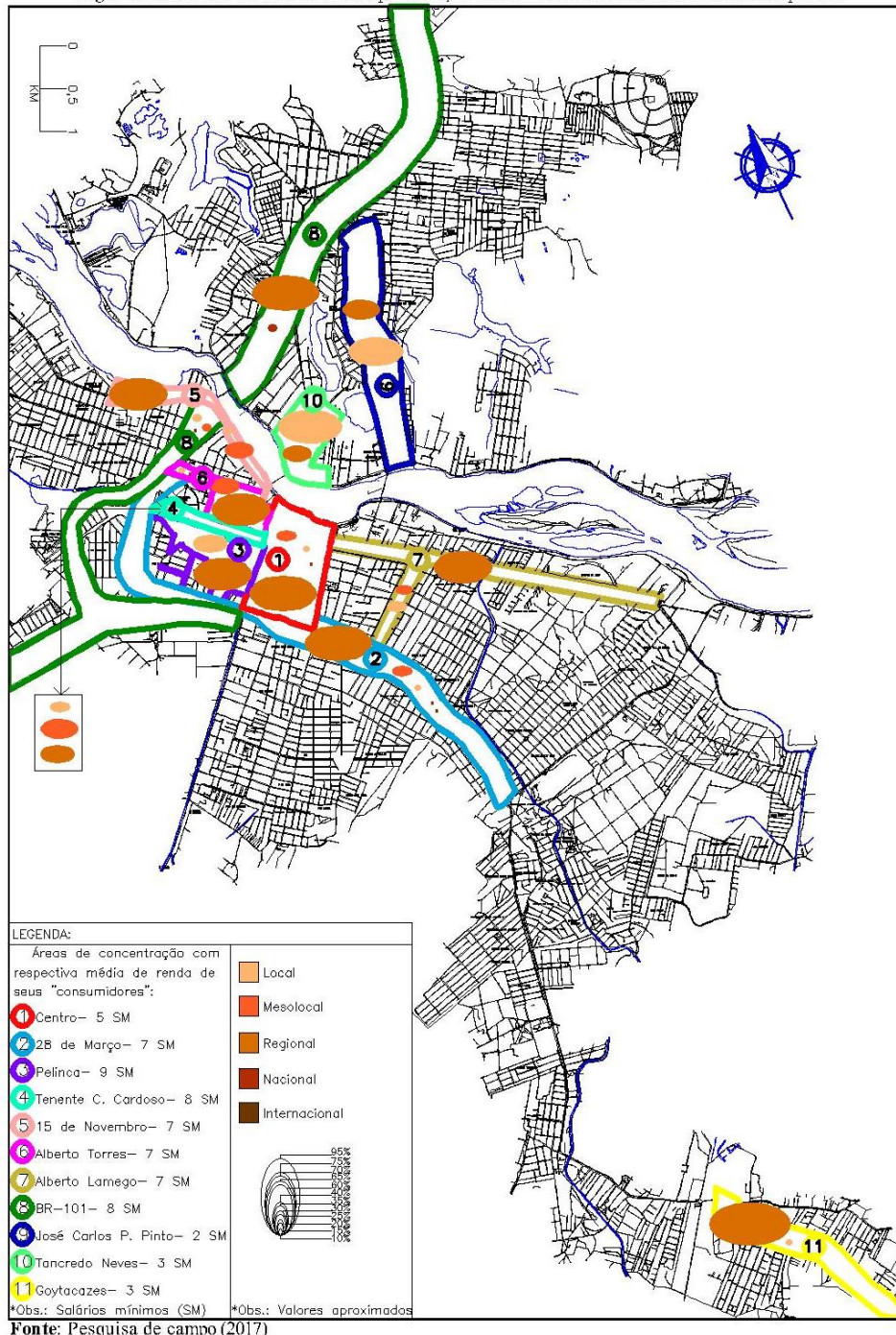
Considerando a escala de polarização dos centros, é visível a hegemonia dessa centralização sobre a ordem local no eixo Tancredo Neves e José Carlos Pereira Pinto – apesar deles impulsionarem certo movimento na escala regional – evidenciando que tais localizações se enquadram mais como subcentros, tendo em vista que se restringem prioritariamente ao atendimento de uma parte da cidade (VILLAÇA, 2001). Contudo, diferentemente dos subcentros anteriores, característicos de outros momentos, estes não são, necessariamente, hierarquicamente dependentes do Centro principal, haja vista a atual inserção e existência de empresas com origens variadas, que atuam em diversas escalas e que muitas vezes não existem no núcleo original. Essa relativa função de subcentro pode ser estendida ao centro de Goytacazes, pois, apesar desta localização centralizar fluxos considerados numa escala regional, o que se entende por regional⁸ ali envolve a polarização

⁷ Essa atração se dá por diversos motivos (geralmente relacionados entre si), dependendo da origem, da forma de organização, do poderio econômico, do tipo de atividade etc., contudo, os principais estão relacionados ao grande movimento de pessoas (a pé e/ou por meio do automóvel) em tais localizações, considerando que isso se deu primeiramente no Centro, local de maior concentração, maior visibilidade e acessibilidade da cidade, passando a ser oferecidos também, em diferentes níveis, em seus principais eixos viários, tendo em vista o progressivo aumento na utilização do automóvel.

⁸ No questionário – elaborado com base em Whitacker (2003) – estipulamos que esta atuação poderia ser numa escala local, regional, nacional e internacional, contudo, a questão da escala é bastante complexa (SOUZA, 2013; SILVEIRA, 2004). Durante a pesquisa, notamos que, dependendo das pessoas e da parte da cidade onde

sobre um conjunto de localidades e distritos, a “Região da Baixada”, ou seja, o centro formado em Goytacazes configura-se, considerando o fluxo de pessoas que gera, mais como um subcentro da cidade, tendo em vista que atende apenas a uma parcela de Campos.

Figura 5: Média de renda e escala de polarização dos centros selecionados sobre o fluxo de pessoas



estão situados, as noções de escala variam consideravelmente. No Centro, o local representa a escala da cidade, enquanto em outras áreas representa bairro ou conjunto de bairros. O regional possui, no centro, significação de uma área que engloba o conjunto de cidades vizinhas, enquanto em outras, como Goytacazes, representa um conjunto de bairros ou distritos. Por isso, revimos as escalas visando maior adequação ao real e utilizamos o Local para representar um bairro ou alguns vizinhos, e a escala “mesolocal” (SOUZA, 2013), que representa a escala da cidade, englobando do mesmo modo o rural, ou seja, é a escala do município.

Henrique F. Batista; Leandro B. Santos. Campos dos Goytacazes: de uma cidade mononucleada à multi(poli)centralidade.

[Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium,](#)

Ituiutaba, v. 9, n. 2, p. 04-24, jul./dez. 2018.

Página | 20

Em todas as outras áreas de concentração há predomínio da centralização sobre o fluxo de pessoas na escala regional, com exceção do eixo Tenente Coronel Cardoso, no qual esse fluxo é expressivo considerando a escala mesolocal (da cidade), com alguns apresentando alguma centralização em relação à escala nacional e internacional. Neste caso, destaca-se, principalmente, mas em níveis relativamente baixos, a BR 101.

Assim, considerando o fluxo de pessoas (utilizando os diferentes modais de transporte), de mercadorias, de informações e a procura, por parte das empresas – de diferentes portes, origens, escalas e formas de atuação –, por localizações da cidade fora do Centro, podemos dizer que Campos dos Goytacazes vem passando por um processo de reestruturação urbana – em função da transformação nos fluxos, nas relações da cidade, considerando os seus diversos espaços, e no papel assumido por esta numa rede cada vez mais global – e da cidade – transformação nos processos que têm orientado a estruturação dessa cidade, viabilizando não apenas a relativa descentralização (haja vista que quase a totalidade das empresas não pretendem sair do núcleo principal), mas a formação de novas áreas de concentração (muitas vezes especializadas em alguns segmentos, não hierarquicamente dependentes do Centro, com atividades que muitas vezes não estão mais neste núcleo), as quais possuem papéis variados, tanto na escala da cidade quanto na rede.

A formação desses novos centros tem modificado a relação entre as diferentes localizações na cidade, tendo em vista a assunção, por parte de diferentes localizações, de atribuições que geralmente estavam relacionados com uma única área da cidade, o Centro, alterando o próprio papel da cidade numa rede urbana já modificada, com relações numa ordem cada vez mais global. Essa alteração nos papéis das diferentes localizações no interior da cidade é fruto e, ao mesmo tempo, tende a incrementar e a alterar os fluxos (de pessoas, de informações, de mercadorias e de empresas) na cidade.

Além disso, a especialização dos lugares da cidade não se dá apenas com relação ao tipo de atividade exercida, senão ainda, muitas vezes, com relação ao tipo de frequência/apropriação/consumo dos lugares, ou melhor, do tipo de clientela que tais centros atraem. Neste sentido, a Pelinca se destaca como um centro no qual há uma média de renda dos clientes mais elevada, seguida pelo eixo Tenente Coronel Cardoso e pela BR 101 (haja vista que, nesta rodovia, muitos clientes das atividades, relacionadas com comércios e serviços especializados em veículos – principalmente pesados –, são empresas). Logo em seguida, temos a 28 de Março, a 15 de Novembro, a Alberto Torres e a Alberto Lamego. Posteriormente, temos o Centro e, com as menores médias de renda do seu principal público frequentador, aparecem Tancredo Neves, Goytacazes e, em menor importância ainda, José Carlos Pereira Pinto.

Desta forma, temos uma cidade composta por várias áreas de concentração de comércios e serviços, as quais representam papéis diferenciados na escala da cidade e do urbano, acionando escalas cada vez mais ampliadas e transformando os fluxos intra e interurbanos, considerando, em grande parte, sua especialização funcional e social, fazendo com que tenhamos uma cidade cada vez mais fragmentada, a qual expressa o tipo de sociedade que a produz.

Considerações Finais

As transformações nos processos gerais de acumulação capitalista a partir de finais do século XX, que, ao mesmo tempo, proporcionaram e foram possibilitadas pela maior flexibilização e desregulamentação da economia e do comércio na escala mundial, bem como

pelo desenvolvimento nas tecnologias de transportes e de comunicações, imprimiram novas diretrizes sobre os processos que orientam a estruturação das cidades. Essas transformações tornaram-se mais evidentes na cidade de Campos dos Goytacazes a partir da primeira década de século XXI, com a formação e consolidação de novas localizações das atividades comerciais e de serviços.

O desenvolvimento de novas áreas de concentração na cidade de Campos dos Goytacazes tem a ver tanto com fatores relacionadas à produção global, fatores nacionais – como a intensificação na adoção de políticas neoliberais nos anos 1990, a crescente difusão e intensificação do uso do automóvel (o que tem determinado a produção das cidades em função, prioritariamente, dos deslocamentos utilizando este meio de transporte) e de novas tecnologias da informação e comunicação –, além de fatores particulares relacionados, predominantemente, com o setor econômico e político, anteriormente ligado à produção sucroalcooleira e, atualmente, sob prevalência do setor comercial e de serviços. A expansão destes últimos tem a ver, em grande parte, com a exploração do petróleo na Bacia de Campos e a expectativa gerada pela inserção do Complexo Portuário no Açú.

Essa formação de novas áreas de concentração de comércios e serviços na cidade altera tanto os padrões de uso e de ocupação do solo quanto a dinâmica intra e interurbana. Não nos referimos mais a uma cidade composta por um único centro e com alguns subcentros, ou seja, uma estrutura composta por apenas uma área de concentração, a qual centraliza praticamente todos os fluxos de informações, de mercadorias e de pessoas, e algumas poucas localizações que são hierarquicamente submetidas a este Centro principal, sendo dele dependentes, e com capacidade de polarização bastante restrita, tendo em vista sua menor importância e as limitações nas comunicações e transportes. Atualmente, essas áreas de concentração oferecem, ao mesmo tempo, diversificação (não tanto como o Centro) e principalmente, em grande parte dos casos, especialização, funcional e social, além da presença de empresas importantes que, muitas vezes, não estão no núcleo original.

A maior inserção de empresas com origens diversas e que se organizam e atuam em forma de rede fora do Centro tem modificado os fluxos de informações, de mercadorias e de pessoas na escala intra e interurbana, relegando maior importância sobre tais localizações e alterando os seus papéis em sua relação no interior da própria cidade e em relação à rede urbana na qual Campos se insere. Rede que também é alterada, haja vista essa maior inserção, o que amplia a escala de relações de Campos e a necessidade de fluxos, para essa cidade, advindos de um número crescente de outras cidades, pois são atividades que geralmente não estão presentes em outras urbes próximas.

Estamos nos referindo a uma transformação na morfologia que não é apenas fruto da multiplicação de centros na cidade, senão ainda da especialização de tais centros. Tal especialização pode ser funcional e/ou social, pois essas áreas de concentração, além de atraírem fluxos, em menor ou maior grau, de grande parte da cidade, e até de fora dela, diferenciando-se dos antigos subcentros, haja vista sua especialização em determinado produto ou serviço, polarizam públicos segmentados, os quais estão relacionados com seu poder econômico.

Neste sentido, as relações tecidas no interior da cidade tornam-se mais complexas, tendo em vista que os papéis desempenhados por cada localização são modificados de acordo com interesses das elites comerciais e imobiliárias da cidade e, progressivamente, daquelas que atuam em escalas mais globalizadas, além de sua associação com o poder público. A relação entre os diversos espaços da cidade é grandemente alterada (constatado pela

transformação nos fluxos), do mesmo modo em relação às outras escalas e ao papel que a cidade passou a desempenhar no interior de uma rede urbana modificada.

Desta forma, os processos econômicos, sociais, culturais, político etc., com origens em escalas cada vez mais diversas, se concatenam, de forma particular, sobre Campos dos Goytacazes, impondo a reestruturação urbana e da cidade, da qual a multiplicação no número de áreas de concentração de comércios e serviços é uma de suas características mais marcantes. Esse processo tem estruturado uma morfologia na qual não mais predomina a monocentralidade, mas a multi(poli)centralidade, considerando que não estamos nos referindo apenas ao aumento no número de áreas de concentração, mas principalmente aos papéis impostos e desempenhados por essas novas localizações no interior de uma rede cada vez mais múltipla, os quais estão relacionados a sua função e ao seu caráter segmentado, compondo e determinando a produção de uma estrutura fragmentada.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CRUZ, J. L. V. Projetos Nacionais, Elites Locais e Regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 e 2000, Ano de obtenção: 2003.

FARIA, Teresa Peixoto. **Nenhuma entrada de índice remissivo foi encontrada**. Gênese da rede urbana das regiões norte e noroeste fluminense à luz do relatório do engenheiro Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. In: X encontro nacional da ANPUR, 2001, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG.

FARIA, Teresa Peixoto . Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o mundo citadino. **Agenda social** (UENF), v. 2, p. 40-64, 2008.

FÉRES, Vinícius Soares R. G. **O circuito inferior da economia urbana em Campos dos Goytacazes**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia – Instituto de Ciência da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes – RJ, 2017.

FEYDIT, Júlio. **Subsídios para a história dos Campos dos Goytacazes**: desde os tempos coloniais até a proclamação da República. Rio de Janeiro: Esquilo, 1979.

LAMEGO, Alberto. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

MOREIRA, E. V. Mudanças e permanências nas estruturas fundiária e produtiva do Norte Fluminense. Congresso brasileiro de Geógrafos, n. VII, 2014, Vitória – ES. **Anais...** Vitória, ES.

NETO, Jayme B; NETO Romeu e Silva. Reestruturação produtiva e interiorização da economia no estado do Rio de Janeiro: uma nova dinâmica para a Região Norte Fluminense. Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP, n. 15, 2006, Caxambu – MG. **Anais...** Caxambu, MG.

OLIVEIRA, Mariel Lima de. **Reorganização viária de Campos dos Goytacazes**: uma proposta retomada. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Programa

de pós-graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PINTO, Jorge Renato Pereira. **Um pedaço de terra chamado Campos**: sua geografia e seu progresso. 2. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultura Jornalista Oswaldo Lima,

2006.

SILVA, Roberto Cezar Rosendo S. da; CARVALHO, Ailton Mota de. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; SILVA e NETO, Romeu (Org.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense**: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004, p. 13-36.

SILVEIRA, Maria Laura. **Escala geográfica**: da ação ao império? Revista Terra Livre, Goiânia, Ano 20, v. 02, n. 23, p.87-96, jul-dez, 2004.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001, p. 235-253.

VILLAÇA, Flávio. **O espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WHITACKER, Arthur Magon. **Reestruturação urbana em São José do Rio Preto-SP**. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2003.

Recebido em: 05/03/2018

Aprovado para publicação em: 20/12/2018